

Aliado do Irã, Hezbollah entra na guerra e revida com ataque a Israel

Conflito iniciado no fim de semana está se espalhando por todo o Oriente Médio

Khamenei.ir/ Wikimedia Commons

A entrada do Hezbollah ampliou o caráter regional da guerra movida pelos Estados Unidos e Israel contra o Irã desde o sábado (28). Nesta segunda, (2), o Estado judeu prometeu “ir até o fim até remover a ameaça existencial”, manteve ataques ao Líbano e reforçou sua fronteira norte, além de jurar o líder do grupo libanês de morte.

A violência escalou em todas as frentes da guerra. Houve renovados bombardeios ao Irã, que já conta 555 mortes, o Kuwait foi alvo de ataques intensos de Teerã, uma refinaria saudita teve de fechar após pegar fogo ao ser atingida e um drone iraniano atingiu uma distante base britânica no Mediterrâneo.

O presidente Donald Trump e o premiê israelense, Binyamin Netanyahu, lançaram o ataque mirando a derrubada do regime em Teerã, sob a alegação de que as negociações para evitar que os aiatolás desenvolvessem a bomba nuclear não chegaram a lugar algum.

O agravamento da guerra foi marcado pelo ataque promovido nesta madrugada (noite de domingo, 1º), pelo Hezbollah. Foram lançados foguetes e drones contra o norte de Israel, que reagiu com um amplo bombardeio em todo o território libanês, que deixou ao menos 31 mortos.

Nesta manhã, o Exército de Israel anunciou o envio de forças ao norte, mas disse descartar uma nova invasão terrestre. O país ocupou pela última vez o sul do vizinho na guerra com o Hezbollah, que apoiava outro

aliado do Irã, o grupo terrorista palestino Hamas, na esteira do atentado de 7 de outubro de 2023 ao Estado judeu.

O ministro Israel Katz (Defesa) disse que a nova ação do Hezbollah, que está severamente enfraquecido pelo conflito anterior, fez seu líder, Naim Qassem, “marcado para ser eliminado”. Já o porta-voz militar Effie Defrin disse que a guerra contra os rivais “vai durar o quanto tiver de durar”.

No domingo, Trump sugeriu que o conflito pode durar até quatro semanas se o Irã não se render. A teocracia, por sua vez, adotou uma posição de endurecimento e começou a promover a sucessão de seu líder supremo, Ali Khamenei, que foi morto no primeiro dia dos ataques com boa parte da cúpula militar do país.

Enquanto isso, os sinais de que a guerra pode escalar ainda mais se multiplicam. No Kuwait, houve diversos alertas para que moradores fiquem em suas casas, enquanto o governo local relatou um incidente ainda mal explicado no qual caças americanos teriam caído ao tentar pousar no país.

Uma refinaria próxima à capital kuwaitiana foi atingida por destroços de um drone iraniano e registrou um incêndio. Ao longo da costa do golfo Pérsico, houve novas explosões relatadas em Doha, Abu Dhabi e Dubai, pérolas das petromonarquias locais.

O Qatar, que apesar de sediar a maior base americana região tinha uma relação boa com Teerã que até lhe valeu um bloqueio por parte dos vizinhos na década



Aiatolá Ali Khamenei, de 66 anos, foi morto pelos ataques dos EUA e de Israel no sábado (28)

passada, ameaçou entrar na guerra nesta segunda.

Segundo nota de sua chancelaria à CNN, “um ataque como esse não pode ficar sem retaliação”, ainda que defenda uma solução negociada para a crise. O país teve sua infraestrutura civil, inclusive o aeroporto internacional, atacada por drones e mísseis.

Na Arábia Saudita, mais importante país árabe da região, o Irã mirou uma das maiores refinarias do Oriente Médio, o complexo de Ras Tanura. Drones foram abatidos antes de atingir o local, mas seus destroços provocaram um incêndio que parou a produção —por dia, saem de lá 550 mil barris de petróleo.

O ataque eleva a tensão no

mercado energético, que opera com forte alta no preço do barril Brent. No domingo, diversos confrontos navais fecharam na prática o estreito de Hormuz, por onde passa 20% da produção mundial do produto e de gás natural liquefeito.

Por fim, o espiamento do conflito chegou até Chipre, no Mediterrâneo, onde um drone Shahed-136 iraniano atingiu a base britânica de Akrotiri. Não houve feridos. O Reino Unido, que em 2003 participou da invasão do Iraque, não apoiou a guerra desta vez e vetou o uso de suas bases próximas do Oriente Médio por bombardeiros dos EUA.

Eles agiram do mesmo jeito, com ao menos quatro modelos

furtivos ao radar B-2 voando diretamente dos EUA para o Irã no domingo. Ainda assim, os britânicos estão na linha de fogo, como em Chipre, e defenderam sua unidade no Qatar com caças Eurofighter Typhoon, que abateram drones.

A guerra, que não teve mandato internacional ou autorização do Congresso americano, tem recebido críticas crescentes. Nesta segunda, tanto o Ministério das Relações Exteriores da França quanto a Agência Internacional de Energia Atômica, ligada à ONU, disseram que o ataque ao Irã deveria ter sido debatido amplamente antes de acontecer.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Grécia mobiliza forças contra ataques do Irã a Chipre

Forças da Grécia abateram nesta segunda-feira (2) dois drones iranianos que repetiam um ataque feito mais cedo contra a base que o Reino Unido mantém em Chipre. Para defender a ilha, Atenas decidiu enviar duas fragatas e dois caças para a região.

Se militarmente são movimentos ínfimos perto da violência que engolfa o Oriente Médio desde que Donald Trump e Binyamin Netanyahu atacaram o Irã no sábado (28), eles sinalizam uma expansão do conflito para além de seu teatro de operações central.

Chipre fica 1.600 km a oeste de Teerã, bem longe do foco das ações, e não é casual o teste im-

posto pelos iranianos ao Reino Unido —membro da aliança militar Otan, assim como Grécia e EUA. No fim de semana, já havia ocorrido uma tentativa de ataque à base de Akrotiri, operada por Londres, e nesta manhã de segunda ela foi alvejada por um drone suicida Shahed-136.

Não houve danos, mas os ataques continuaram, com a interceptação grega. O aeroporto civil da ilha foi fechado por precaução. O ministro da Defesa grego, Nikos Dendias, disse que o país irá defender Chipre “com todos seus meios”.

A pressão coloca foco no isolamento dos EUA e de Israel na guerra. Em 2003, quando

atacou também sem mandado o Iraque, Washington contou com as forças de Londres, sua aliada histórica.

Agora, o premiê Keir Starmer vetou o uso de bases britânicas estrategicamente próximas do Oriente Médio para que bombardeiros americanos atacassem o Irã.

Trump queixou-se publicamente de Starmer, em particular porque o premiê não só impediu o uso de Diego Garcia, base no Índico, mas também assinou no ano passado um acordo para devolver o território às ilhas Maurício. As instalações militares, contudo, continuam sendo britânicas.

Na noite de domingo, ante a

Tasnim News Agency via Wikimedia Commons



Drones iranianos foram abatidos pelas Forças Armadas gregas

pressão, o premiê disse que permitiria o uso de suas bases para ataques com fins defensivos, uma definição no mínimo elástica. Trump ainda assim o admoestou, se dizendo “muito decepcionado” pelo atraso na liberação.

Até aqui, a postura britânica

é só defensiva. Além dos incidentes em Chipre, no Qatar, um caça Eurofighter Typhoon do país interceptou um drone que se dirigia à base onde há soldados do Reino Unido.

Por Igor Gielow (Folhapress)